

Pesquisa em andamento

Miriam Lifchitz Moreira Leite

Como citar: LEITE, M. L. M. Pesquisa em andamento. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.). **Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 69-76. DOI:
<https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p69-76>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PESQUISA EM ANDAMENTO

Miriam Lifchitz Moreira Leite¹

A região amazônica é hoje vista como o pulmão explosivo da Terra. Por aquele mar de florestas e terras devastadas espalham-se populações indígenas, missionários de diferentes credos, pesquisadores de origem e orientações diversas, seringueiros, garimpeiros, especuladores e jogadores. A beleza e o porte da natureza atraem e repelem consecutivamente uma população de ecologistas e investidores das origens mais diferentes.

Os conflitos de terra sobreviveram e se aguçaram com os projetos faraônicos que vêm eliminando camadas inteiras da população. Num momento em que a violência urbana vem tomando aspectos catastróficos, a pesquisadora Regina Sader está procurando compreender de onde vem e como se estabeleceu esse clima sinistro na perigosa região do Bico de Papagaio. Com uma coragem incompatível com sua fragilidade física e seus poucos recursos de professora universitária, munida do referencial teórico da Geografia Política e da Antropologia do Simbólico, está procurando estudar a dinâmica da agressão entre indivíduos e grupos, numa competição por bens e áreas disponíveis ocorrida em situações de dispersão territorial e em acontecimentos da história imediata e distante de populações que parecem inibir os controles sociais da violência.

Percorrendo a região a estudar, a professora Regina Sader verificou que os conflitos atuais não são tão atuais assim. Num percurso temerário e paciente coletou histórias, cenas e seqüências do imaginário das populações

¹ Historiadora do Centro de Apoio à Pesquisa em História da Universidade de São Paulo.

ribeirinhas, verificando que as soluções violentas dos conflitos marcam as relações humanas da região. Pôs-se então a procurar em Araguaatins, antiga São Vicente e em Tocantinópolis, antiga Boa Vista do Padre João, em Grajaú e no vale do Corda, escritos sobre a região.

Tendo colhido diferentes exemplares, manuscritos e impressos, apresentou-os ao Grupo de Estudos da Memória do Núcleo Ruy Coelho, para uma análise.

É aí que eu, incapaz de enfrentar conflitos até de concursos universitários, fui envolvida no projeto. O Grupo de Estudos da Memória é formado por geógrafos, historiadores, antropólogos e psicanalistas num esforço interdisciplinar de estudar o Imaginário e o Simbólico.

As dificuldades da análise proposta começaram desde a conceituação do campo, que permitisse formular as perguntas elucidativas. Neste ponto, os trabalhos sociológicos de Maria Isaura Pereira de Queiroz vieram sugerir caminhos.

A documentação encontrada era heterogênea e contraditória. À primeira leitura o material coletado mostrou-se intransponível: ora cheio de ingenuidade, ora pedante, retórico e vazio. Aparentemente, as personagens que apareciam num, como positivas, revelavam ser negativas no outro, dificultando a compreensão da capacidade dos homens de se prejudicar uns aos outros.

O que me fez voltar à leitura dos trabalhos de Maria Isaura sobre o coronelismo e o mandonismo durante a Primeira República, com uma parada no messianismo, foi o manuscrito xerocado da *Pesquisa Sertaneja* de Cícero Mendes Sousa.²

Esse manuscrito tem a caligrafia de membros de duas gerações e data de 1933. Com toda a desordenação dos dados existe uma parte referente às principais famílias e religiões da região. E não eram duas as parentelas contendoras, mas nomeiam doze capítulos, às vezes de meia página, em outras de até cinco

² SOUSA, Cícero Mendes. *Pesquisa sertaneja* (1933), 1983. (Manuscrito).

páginas. Uma segunda parte é relativa à exploração do Rio e a unidade usada é V.8... até V.15 que, não podendo ser referente às viagens de exploração, poderiam ser a designação de versículos.

Cinquenta anos após o falecimento dos progenitores, o Autor se propôs difundir os nomes dos heróis sertanejos do século passado, membros das famílias descritas na primeira parte. Mas não é só isso. À página 13a, conceitua saudosista o que foi o *bom tempo* que não volta mais:

é que a família Cortez e Moureira tem mais de meio século de residência e de trabalho aqui prestado, portanto ela acompanhou passo a passo toudo o percurso da historia e neste caso eles não são aventureiros e sim proprietários. Ele é filho de nossa Cidade, e como tal, tinha de dar-lhes o que é de melhor para ela.

Estava delineado o campo da pesquisa: uma região de explorações recentes, onde forasteiros, vistos como aventureiros, se contrapunham aos proprietários. As famílias dos proprietários representavam a ordem, em contraposição à desordem dos recém-chegados. À página 20, ao descrever a parentela dos Moureira, de Grajaú, apresenta a decadência de seu poder, pela perda dos escravos na Abolição e na República, envolvidos na luta contra os índios que tinham matado 99 habitantes e seqüestrado uma menina de 12 anos, de nome Perpétua, cuja memória continua a perseguir os moradores locais. E nessas perdas de poder dos Moureiras é que se dão os conflitos entre os Ledas e Costas que foram banidos da cidade, denunciados, presos e mortos, tendo havido a pacificação dos municípios só em 1932.

Tentei reproduzir a desordem com que os dados se atropelam nesses escritos, para uma avaliação da distância que separa as fontes dos estudos elaborados.

Essa desordem se amplia nas fontes impressas. São as Memórias de um membro da burguesia endinheirada do Maranhão, um livro de História de

uma professora primária do Norte de Goiás, e o de um político e professor, editado em Marabá, no Pará.³

A diversidade dos espaços e dos momentos das publicações, mesmo depois de recortar o mesmo episódio — o linchamento de Leão Leda em 1909 — confere ao acontecimento cores e significações diversas. Trata-se de um fato significativo do clima violento da região, que veio a se chamar de Bico de Papagaio.

Os relatos e análises políticas e sociológicas do mandonismo e a hierarquização dos poderes no interior do Brasil realizados por Maria Isaura na década de 1960, apenas dez anos após seus primeiros trabalhos de aproveitamento publicados na revista *Sociologia*, são fundamentais para a compreensão das diferentes combinações de violência e religiosidade, no sertão e nas povoações da Amazônia.

Mesmo aceitando que o fato histórico é inteiramente construído⁴ e que o papel do historiador é analisar racionalmente o irracional,⁵ somente o leque de pesquisas sobre o messianismo, o coronelismo e o mandonismo me abriu as portas para a percepção da ambigüidade e hibridismo das palavras e dos fatos cujas expressões eu procurava esclarecer.

Os historiadores locais apresentam uma única concordância — a confiança numa História exemplar. Querem tirar uma lição da História, fazer um ponto de História, difundir os heróis do século passado ou fazer um roteiro para futuros historiadores com *informações concretas, insofismáveis*.

Para o bacharel maranhense, os Moreiras e Ledas do Grajaú, na antevéspera da proclamação da República, eram gente fina e boa, vivendo sob a ameaça de fascínoras encabeçados pelo Coronel Araujo Costa. Sua posição de

³ DUNSHEE DE ABRANCHES. *A Esfinge de Grajaú: Memórias*. 2.ed., São Luís: Alumar, 1940. CORREIA, Aldenora Alves. *Boa Vista do Padre João*. Tocantinópolis: s.n., 1977. DUARTE, Leônida G. De S. Vicente a Araquatins: cem anos de História. Marabá: J.C.Rocha, 1970.

⁴ TODOROV, T. *Teorias do símbolo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

⁵ LADURIE, E. Le Roy. Entrevista. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1994. Idéias, p.6.

abolicionista e republicano não impediu a aliança com um setor da população que perderia o poder com a Abolição dos escravos e com o advento republicano.

Para a professora de Tocantinópolis, criada e protegida pelo padre João de Lima, ainda que relatando que a Revolução de 1930 criara novas rivalidades, independentes dos pastos bons, dos babaçuais, da madeira e da escravização dos índios, chama Leão Leda de revolucionário e guerrilheiro desabusado, fomentando guerrilhas para se apoderar de fazendas de gado e de cereais. Tanto o padre João, quanto Leão Leda mantinham grupos armados, que se hostilizavam. Cada um deles justificava os capangas por se sentir ameaçados. Depois da fuga e morte de Leão Leda em Conceição do Araguaia, seus homens entregaram-se a roubos, assassinatos e defloramentos, até serem cercados por forças federais, provocando um despovoamento tal que o historiador a compara a “uma nesga da Sibéria, colocada no coração do Brasil”.

No livro do professor Leonidas Duarte, é o padre João de Lima o intrigante politiquero, que o denuncia ao governo estadual como crápula, assassino e aventureiro, capaz de montar armadilhas de todos os tipos para eliminar inimigos, rivais ou concorrentes.

A *Revolução Sanguinolenta* que relata no Capítulo VIII mostra S. Vicente (depois Araguatins) surpreendida pela chegada de *autoridades* de Boa Vista (depois Tocantinópolis), que incluía o Juiz de Direito, o Promotor Público, Leão Leda e outras pessoas de destaque. Aliciaram gente, tomaram armas dos viajantes e armaram elementos de defesa e ataque para enfrentar os inimigos. São Vicente só tornou a se povoar quando Leão Leda foi morto em Conceição do Araguaia, em 9 de março de 1909.

O que é possível verificar de imediato é a indefinição de uma região, sem qualquer correspondência com as fronteiras atuais dos Estados. O sertão explorado ou habitado pelos autores é uma região definida pelas margens dos rios Tocantins e Araguaia, percorrida por bandos e colunas que transitavam entre Maranhão, Pará e Goiás, cujas características se transformavam, alterando a inteligibilidade da leitura.

São Vicente foi fundada ao redor de uma árvore de pequi. As definições espaciais dadas por uma árvore são tão flutuantes quanto os sentidos das palavras empregadas. Não só se alternam os sentidos, como conotações positivas se transformam em negativas, em outro contexto histórico e político.

Cabe aqui ter em mente os signos em rotação, como propôs Octavio Paz⁶ para revoltado, rebelde e revolucionário, ao ler as referências a bando, bandido, coluna e vagabundo.

Até designações profissionais corriqueiras, como a de professor, exigem uma leitura dentro do contexto histórico e geográfico. A professora do Grupo Escolar de Boa Vista e o professor-político de São Vicente exercem profissões diferentes, não só por causa do sexo, mas pelo alcance de suas interferências na vida da população e na estrutura de poder.

Essa revolução sangrenta ocorreu na Primeira República, pouco antes da ocorrência da Guerra Santa do Contestado no Paraná e em Santa Catarina (1912 – 1916), quando Maria Isaura, depois de fazer transbordar o messianismo do pensamento judaico-cristão, onde se originara, para diferentes povos, conseguiu distinguir o profeta, do líder messiânico. Mais tarde, distinguiu na política brasileira uma multiplicidade de níveis de coronéis, numa estrutura socioeconômica fundamentada em grupos de parentela, com alianças em grupos econômico-políticos associados. O estudo da solidariedade horizontal, na mesma estrutura, diferencia-se da solidariedade vertical, que dá origem a uma hierarquia de reciprocidades, propiciada pelo isolamento e pela dispersão do povoamento. O coronel protege os pequenos posseiros, vaqueiros ou lavradores em troca da mobilização armada em defesa do território do coronel, que por sua vez lhes facilita a pilhagem.

Em seu livro *Bandidos*, Hobsbawm⁷ apresenta *Os cangaceiros: Les bandits d'honneur brésiliens* de Maria Isaura⁸ editado em Paris, 1968, entre as obras que constroem o mito contemporâneo do cangaceiro, a partir da tradição

⁶ PAZ, O. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.95-124.

⁷ HOBSBAWM, E.J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

⁸ PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. *Os cangaceiros: les bandits d'honneur brésiliens*. Paris: Julliard, 1968. (Traduzido para o Português pela autora: *Os cangaceiros*. São Paulo: Duas Cidades, 1977).

oral e dos folhetos de cordel, que glorificam ao mesmo tempo a liberdade, o heroísmo, o sonho de justiça, o terror e a crueldade.

A crônica de Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938), que é cantada no sertão, fornece um caso dessas figuras que pareciam pertencer ao mundo pré-capitalista.

Maria Isaura,⁹ lançando mão da literatura e de dicionários, trabalhou também a caracterização do jagunço, em suas nuances históricas e geográficas e de acordo com a extração cultural do autor que os descreveu.

Em 1878 encontrou em *O Matuto*, de Franklin Tavora, jagunço utilizado como Chuço pesado, varapau. No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luiz da Câmara Cascudo, aparece como pau ferrado, haste de madeira com ponta de ferro aguçada. O sentido é claramente o de um instrumento de defesa e ataque.

Em 1881, no *Dicionário* de Caldas Aulete, continuou a encontrar o sentido de Chuço em Pernambuco e Alagoas.

Em 1889, no *Dicionário de Vocábulo Brasileiro* de Beaurepaire-Rohan, encontrou a designação de arma e aquele que dela se serve.

No *Aurélio*, já encontrou o valentão, guarda-costas de fazendeiro ou senhor de engenho.

A esses sentidos datados, acrescentou o sentido de jagunço no Médio São Francisco, de homem temente à lei, que só pega em armas sob a responsabilidade de um chefe. É, pois, diferente de bandido e do cangaceiro que desprezam e afrontam a lei. O jagunço pode ser tanto roceiro, vaqueiro, pescador, guia ou canoeiro, que serve ao chefe ou à parentela por dever de lealdade, em troca de dinheiro ou benefícios. Pode fazer parte da parentela ou ser um mercenário.

Em 1876, no relatório do delegado da Vila Itapicuru, foi descobrir adoradores do Bom Jesus que passaram à condição de jagunços, briguentos e valentões, que infringem a lei e que após a luta, voltam a ser dedicados guerreiros e defensores do Conselheiro.

⁹ Idem, Jagunços. In: _____. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p.219-230.

Em Euclides da Cunha, em 1902, encontrou o jagunço diversificado em tabaréu, crente, iluminado, vaqueiro e guerrilheiro astuto e valente, indiferente à morte.

A dimensão religiosa se associa à categoria quando atuam como defensores da Cidade Santa e se transmuta em fanáticos ao ser nomeados pelos jornalistas da cidade, estabelecendo sua superioridade de profissionais urbanos diante da *gente do mato*, dos tabaréus, diferenciando-os dos romeiros, que podem também ser jagunços, em tempo de paz.

Em 1976, o jagunço aparece caracterizado como o matador de aluguel, por grileiros ou proprietários de terras, ligados à especulação imobiliária rural. No Paraná e na Amazônia esse instrumento da camada dominante tornou-se um defensor, sempre subordinado a fazendeiros e posseiros.

A rotação dos signos parece não ter ainda terminado e vem invadindo as cidades com outra verificação de Maria Isaura: “em política não há assassinatos, há remoção de obstáculos”.¹⁰

¹⁰ Idem, *ibid.*, p.226.